

Dona Sarah: "Márcia não é pára-quedista"

A candidatura Márcia Kubitschek à Câmara e, mais recentemente, a hepatite que acometeu a candidata e obrigou sua mãe a terminar a campanha, trouxe de volta à cena política a viúva do ex-presidente Juscelino, construtor de Brasília.

Aparentando cansaço, mas mesmo assim bem vestida e penteada, Dona Sarah recebeu a reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** entre um e outro compromisso de sua extensa agenda política. Falou de seu desencanto com a política e revelou suas mágoas com as injustiças que o marido sofreu nos últimos anos de vida.

Revoltada, dona Sarah criticou a decisão do juiz eleitoral em cassar o domicílio de Márcia, denunciou a existência de uma campanha organizada contra a filha por "forças políticas que desconhece" e, elogiando o governador José Aparecido, apontou o risco de que "maus políticos" possam vir a dirigir a cidade caso seja implantado o sistema de eleição direta para o Palácio do Bu-

riti.

- A Márcia tem sido acusada de ostentar como principal item do seu currículo político - talvez o único - o sobrenome Kubitschek. Isto é verdade?

- É verdade. Creio mesmo que, se ela fosse Márcia da Silva, nada do que está ocorrendo com sua candidatura teria acontecido. Tudo isso é profundamente injusto, primeiro porque ela é filha do fundador da cidade e todos aqui deveriam recebê-la de braços abertos. Se ela não fosse uma menina à altura do cargo que vai ocupar (veja bem que eu usei o verbo no tempo positivo), está certo que fosse eliminada. Mas ela é uma moça responsável, tem uma cultura vastíssima e, principalmente, muita consciência de responsabilidade que recai sobre os ombros dela como filha de Juscelino. Por todos esses motivos, e não apenas pelo sobrenome, ela está apta a desenvolver um papel de suma importância para Brasília.

- Em sua opinião, existe alguma campanha dirigida contra a candidatura

Márcia Kubitschek?

- Ah, não tenha dúvida. Mas vivo me perguntando o porquê de tudo isto, desta campanha que é tão difícil de suportar. E veja que, na nossa família, sempre nos guiamos pela trilha que Juscelino traçou e que não admite ódios. Mágoas, sim, temos que ter, afinal somos humanos. Agora, confio na Justiça, que haverá de reparar tudo. O Poder Judiciário tem em seus componentes homens de bem, nos quais eu deposito toda a minha confiança. Não quero favor, quero apenas que eles sejam justos.

- A senhora acha que a decisão do juiz eleitoral foi política?

- Foi, mas não sei em benefício de quem.

- Desde que a Márcia adoeceu, é a senhora que tem feito a campanha por ela. Como é o seu trabalho de cabo eleitoral?

- Onde quer que solicitem a minha presença, eu vou. Isso significa o dia inteiro em contato com os eleitores. Como todos sabem, a Márcia está com hepatite, e para essa doen-

ça o único remédio é repouso absoluto. Para quem se dedicou de corpo e alma à campanha, você não imagina o choque que foi para ela saber que precisaria se afastar. Eu estou aqui como guardiã das recomendações médicas e, ao mesmo tempo em que cumpria este dever de mãe junto dela, senti que cabia a mim continuar a campanha.

- Acostumada às campanhas de seu marido, como está vendo essas primeiras eleições de Brasília?

- Essa primeira eleição eu vejo com orgulho. Se Juscelino estivesse vivo, ele estaria hoje muito satisfeito porque o que mais desejava era a restauração da democracia no Brasil. E mais feliz ficaria sabendo que na primeira campanha política de Brasília a sua filha participa como candidata.

- Como o eleitorado brasileiro está se comportando diante dessa primeira campanha?

- Onde quer que eu apareça, nas cidades-satélites ou no Plano Piloto, só venho recebendo provas de muito carinho e solidarie-

dade.

- Por que a candidata é a Márcia e não a senhora?

- Eu cumpri a minha missão junto de Juscelino. Com a morte dele, estava ainda a minha missão. Nunca pensei que Márcia entrasse na política, mas respeito a decisão dela.

- Se eleita para a Câmara, sua filha tem maiores pretensões políticas?

- Não, a aspiração máxima de Márcia é trabalhar por Brasília, pela cidade que o pai criou. Dizem que ela é pára-quedista, mas não é verdade. Juscelino fez questão que a família o acompanhasse a Brasília. Acompanhamos as obras de Brasília, portanto, desde o primeiro momento. E a Márcia estava lá, ao lado do pai. Logo depois da inauguração de Brasília, com a mudança de Governo, fomos embora para o Rio de Janeiro. Em 64, como você sabe, houve a Revolução e, a partir deste momento, não houve mais ambiente para a família Kubitschek no Brasil.